ISSN: 2358-8829

O ENSINO DO NOME PRÓPRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriétt de Luna Silvino Marinho [1]

RESUMO

A escrita do nome próprio é um marco importante no processo inicial de alfabetização das crianças. Partindo dessa referência estável elas podem refletir sobre como a escrita funciona em contextos variados. Nesse sentido, objetivo para o ensino do nome próprio na educação infantil não é que a criança aprenda a "desenhar" as letras do seu nome, mas que entenda como o sistema de escrita funciona através dele. Buscando compreender como este ensino ocorre no interior das salas de aula da educação infantil, a presente pesquisa acompanhou duas professoras que ensinam crianças de 5 anos em uma rede municipal de ensino da Região Metropolitana do Recife que, após aplicarem a avaliação diagnóstica no início do ano de 2026, perceberam que suas turmas precisavam de ajuda para apropriar-se desse conhecimento. As docentes planejaram aulas divertidas e dinâmicas que promoveram a reflexão das crianças sobre princípios básicos do Sistema de Escrita Alfabética. A pesquisadora acompanhou as atividades desenvolvidas pelas duas professoras, observando a participação das crianças e as mediações docentes realizadas a fim de promover a reflexão sobre a escrita. Foi realizado o registro em diário de campo e alguns registros fotográficos em que a identidade das crianças foi preservada. Os dados foram tratados e analisados conforme referencial teórico da área: Brandão & Rosa (2011), Brandão e Leal (2013), Brandão e Girão (2021), Brandão (2015), Morais (2012, 2019), dentre outros. Os resultados revelaram autonomia docente e clareza dos objetivos propostos para cada aula, destacando a habilidade das duas professoras ao propiciar momentos divertidos e lúdicos de reflexão e apropriação da escrita do nome próprio, valendo-se de conhecimentos como o nome das letras, consciência fonológica e ordem alfabética, que auxiliaram as crianças a compreender o funcionamento do sistema de escrita a partir da escrita de seus nomes.

Palavras-chave: Educação infantil, Escrita do nome próprio, Práticas docentes.

INTRODUÇÃO

Considerando o processo inicial de apropriação do Sistema de Escrita alfabética (SEA) pelas crianças, a escrita do nome próprio é um marco importante. Partindo de uma perspectiva sociointeracionista da língua, a escrita desse nome próprio, principalmente na Educação Infantil deve ser compreendida como uma prática social e cultural de construção de identidade e inserção no mundo letrado, mediada pela interação com o outro.

[1] Doutoranda do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de pernambuco - UFPE, adriettluna@gmail.com

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, objetivo para o ensino do nome próprio na educação infantil não é que a criança aprenda a "desenhar" as letras do seu nome como mero exercício mecânico de cópia gráfica, mas que entenda a função social desse nome e como o sistema de escrita funciona através dele. O nome próprio, portanto, passa a ser uma referência para as crianças por ser o primeiro portador de significado textual estável para elas.

Brandão e Rosa (2011) defendem que o trabalho com o nome próprio é uma das estratégias mais importantes para a inserção da criança no mundo da escrita, não apenas como uma etiqueta de identificação, mas como um objeto de reflexão privilegiado por ser uma escrita que "pertence" à criança, o que faz com que ela se sinta motivada a compreendê-la.

Considerando as singularidades da etapa da educação infantil, nossa pesquisa bucou compreender como professoras da educação infantil praticavam o ensino do nome próprio com suas crianças sem tornar essa atividade pesada ou mecânica. Para atingir esse objetivo, a pesquisadora conversou com as professoras que ensinam crianças de 5 anos em uma rede municipal de ensino da Região Metropolitana do Recife.

As professoras relataram, durante a conversa que ocorreu em uma formação continuada da rede municipal, com autorização da Secretaria de Educação, que, após realizarem a avaliação diagnóstica no início do ano de 2026, perceberam que suas turmas precisavam de ajuda para apropriar-se desse conhecimento.

A partir do diagnóstico, as docentes contaram que planejaram uma série de atividades com o objetivo de ensinar o nome próprio às crianças de suas turmas. Dentre as muitas atividades mencionadas, destacaram-se aquelas que pareciam divertidas e dinâmicas a fim de promover a reflexão das crianças sobre princípios básicos do Sistema de Escrita Alfabética com base no ensino do ensino do nome próprio, essas atividades eram nosso objeto de investigação, o que nos levou a sala de aula de duas professoras cujas propostas de ensino do nome pareciam dialogar com os interesses da pesquisa.

METODOLOGIA

De natureza qualitativa, nossa pequisa se utilizou basicamente da interação e observação como métodos de coleta de dados (MARCONI e LAKATOS, 2003). A delimitação dos sujeitos da pesquisa deu-se em duas etapas:

ISSN: 2358-8829

i) como procedimento inicial de campo, realizou-se uma roda de conversa exploratória com o grupo de docentes que estavam participando de um encontro formativo da rede, na ocasião, estavam presentes 46. Durante a conversa, foram abordadas as práticas pedagógicas voltadas ao trabalho com o nome próprio na alfabetização e as concepções e estratégias de ensino do nome próprio das professoras;

ii) a partir dessa escuta coletiva e com base em critérios teórico-metodológicos preestabelecidos já mencionados, selecionaram-se duas professoras para a etapa seguinte: acompanhamento das regências de classe, cujas práticas de ensino do nome próprio foram subsequentemente acompanhadas e analisadas.

As observações aconteceram em dias combinados com as professoras, quando elas sinalizaram que estariam desenvolvendo as atividades mencionadas na primeira etapa, não foram capturadas imagens nem das professoras nem das crianças para preservação da identidade dos sujeitos.

Foram observadas duas jornadas completas de cada turma. As jornadas das professoras com as crianças foram gravadas em áudio e registradas por meio de caderno de campo a fim de melhor comprendermos como se deram as mediações docentes e as interações terre as crianças durante as práticas de ensino do nome propostas em sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

O nome próprio não é apenas uma sequência de letras; é uma marca da singularidade da criança, sua primeira referência do mundo escrito e o elo entre a sua história pessoal e a cultura letrada. Nessa perspectiva, o nome próprio é o primeiro signo socialmente atribuído à criança (VYGOTSKY, 2007).

O trabalho com o nome próprio na educação infantil oportuniza a reflexão sobre o fato de que uma determinada ordem fixada de letras representa sempre a mesma palavra (o seu nome), ele serve, portanto, como um "banco de dados" de letras que a criança usará para comparar, identificar e tentar escrever outras palavras (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999). Por isso, Morais (2012) considera conveniente que o nome próprio contribui para iniciarmos um trabalho sistemático de compreensão do Sistema de Escrita Alfabética.

ISSN: 2358-8829

É por meio do nome que a criança é nomeada e reconhecida pelas pessoas, sendo assim, o valor dos nossos nomes do ponto de vista identitário e social é carregado de significados. Brandão e Girão (2023) ressaltam que não é de se surpreender que as crianças tenham desejo de aprender a registrar seus nomes por escrito e de entender como funciona esse registro. Nessa perspectiva, a experiência com a escrita desse nome deve estar inteiramente atrelada ao prazer das crianças em participarem dela.

Considerando a motivação das crianças, entendemos que, para despertar o prazer o e o interesse, a organização de atividades lúdicas de alfabetização e letramento são fundamentais, sempre priorizando a articulação entre o lúdico e a reflexão sobre o sistema de escrita. Brandão e Leal (2013) defendem que o trabalho com a língua escrita na educação infantil deve acontecer de forma integrada, indissociável e centrada nas práticas sociais, sem antecipar a seriação ou a exigência de uma alfabetização mecânica.

Dessa forma, na educação infantil, o ensino da escrita do nome próprio — longe de configurar um mero exercício de treino motor ou memorização mecânica — constitui um poderoso eixo de reflexão sobre o Sistema de Escrita Alfabética (MORAIS, 2012, 2019; BRANDÃO, 2015). Ao interagir cotidianamente com seu próprio nome e com o de seus pares, a criança passa a contar com uma referência estável e significativa, compreendendo gradativamente princípios do Sistema de Escrita: a necessidade de um repertório fixo de letras, a importância da ordem sequencial e a constância de suas formas.

Assim, atividades como uso do crachá e a chamada diária (chamadinha) deixam de ser rotinas burocráticas para se transformarem em situações didáticas privilegiadas de letramento, nas quais os pequenos leitores e escritores iniciam suas hipóteses sobre a relação entre o som e a representação gráfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da nossa pesquisa estão organizados em dois blocos, que referem-se às duas etapas de coleta de dados realizadas. A primeira parte sistematiza os achados provenientes da conversa com o grupo de docentes atuantes na educação infantil da rede municipal de ensino.

Durante a conversa, que girou em torno daquilo que as docentes pensavam ser importante, nesta etapa, quanto ao conhecimento do nome próprio pelas crianças. De modo geral, as respostas dadas pelas professoras foram classificadas em dois grandes

ISSN: 2358-8829

grupos: 1) Ensinar o nome é importante porque, no futuro, as crianças vão precisar desse conhecimento para atuar na sociedade (aproximadamente 52%) e 2) É importante ensinar o nome agora (no último ano da educação infantil) porque quando chegar no 1º ano eles vão estar mais preparados (aproximadamente 48%).

O que as professoras evidenciaram nesse contato inicial foi o conflito que, muitas vezes, se dá diante da professora da pré-escola. Ora, os documentos e prescrições curriculares apontam para um ensino lúdico, voltado para as experiências e interações, ora, de modo oculto aos documentos, existe uma pressão para que as crianças sejam preparadas para o ingresso no Ensino Fundamental.

Dentre aquelas que compreendiam o ensino para além do treino mecânico e do preparo para o 1º ano do ensino Fundamental, percebemos que foram mencionadas atividades como lista de nomes, chamadinha e jogos para ajudar as crianças a aprenderem seus nomes. Isso não significa que elas não faziam uso da ficha para quando as crianças precisassem escrver os nomes em suas atividades, por exemplo, mas que elas tratavam o ensino do nome como objeto de reflexão. A partir dessa conversa inicial, selecionamos duas docentes que pareceram ter mais desenvoltura nos relatos e concordaram em participar da etapa de observações das aulas.

Nas turmas observadas, foram identificadas estratégias muito interessantes pelas duas docentes, dentre as quais, podemos destacar:

a) Chamadinha: Na turma "A" destacou-se a estratégia de convidar as crianças a escreverem seus nomes no cartaz da chamadinha. Essa estratégia ajudava a professora aperceber aqueles aspectos que necessitavam de aprimoramento ou correção, como vemos no extrato a seguir: "A professora chamou as crianças para escrevem os nomes na chamadinha e, à medida que escreviam, ela ia orientando, precisa separar um nome do outro, não pode ser tudo agarrado". Na turma "B" não foram observados momento de uso dessa estratégia.

b) Uso do alfabeto para identificar as letras iniciais do nome. Esse recurso foi utilizado por ambas as docentes e pareceu uma estratégia eficiente para alcançar o objetivo de refletir sobre a escrita do nome próprio. Na turma "A" podemos perceber que a professora utilizou a leitura em coro do alfabeto para chamar atenção da turminha para seus próprios nomes e os nomes dos colegas:

> *Prof: Isso mesmo, vamos agora dizer o nome das letras do alfabeto?*
> *(As crianças leram/recitaram o alfabeto juntamente com ela).*

> *Prof.: agora eu quero só ver quem vai conseguir dizer o nome de uma criança que começa com a letra que eu mostrar.*
> *Assim, a professora foi apontando as letras e as crianças tinham que descobrir qual a criança cujo nome iniciava com ela. Quando as crianças tinham dificuldade, a professora orientava: Vocês podem ir olhar lá na lsta de nomes da turma pra descobrir.*

Nesse extrato, percebemos que, além de explorar os nomes das letras e incentivar as crianças a pensarem (refletirem) sobre o som que cada letra fazia para descobrir qual o nome que começava com ela, tambem oportunizou que as crianças consultassem um gênero textual funcional (lista de nomes) para tirar suas dúvidas e conseguir resolver o problema. Na turma "B", identificamos a mesma perspectiva por parte da professora, cofnorme vemos no extrato de observação de uma de suas aulas:

> *Prof.:Vamos dizer o alfabeto?*
> *Então conduziu a leitura do alfabeto no cartaz da turma. Todas as crianças iam "lendo" as letras em coro à medida que ela as apontava.*
> *Após esse momento, ela disse para mim: ""u fiquei muito assustada quando fiz a diagnose no começo do ano porque eles não sabiam nenhuma letra e nem reconheciam o próprio nome, então estou pegando muito nessa relação das letras com a letra inicial do nome deles.*

Os relatos e as práticas de ensino do nome próprio em suas turmas de crianças de 5 anos de idade sugerem que ambas as docentes concebem o nome próprio como objeto de relfexão, que precisa ser ensinado, porém, por meio de atividades descontraídas, sem o treino exaustivo desse nome como mera cópia e sim, com a compreensão do próprio sistema de escrita a partir do nome das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos claro que o resultado está intrinsecamente vinculado a uma prática pedagógica que possui como foco um planejamento de ensino que prioriza o estabelecimento de metas de curto prazo, como também, o desenvolvimento de atividades previamente pensadas e organizadas para o ensino da leitura e da escrita, as quais, respeitam o ritmo dos aprendizes e ajudam a promover o desenvolvimento autônomo dessas crianças inseridas no ciclo de alfabetização, especificamente em turmas de 1º ano do ensino fundamental.

Importante destacar que, além de definir em seu planejamento de forma clara e objetiva as estratégias didáticas a serem utilizadas, as duas professoras fazem o acompanhamento sistemático, de forma individual, dos seus alunos realizando registros sobre seus avanços ou possíveis retrocessos, podendo assim, redirecionar o foco tanto das metas estabelecidas, quanto as estratégias didáticas de aprendizagem a serem utilizadas, inserindo ou redirecionado atividades que julgam necessárias para que a aprendizagem ocorra de forma significativa.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRANDÃO, A. C. P.; GIRÃO, F. M. P. "Olha o meu nome! - a chamadinha e outras possibilidades para ler e escrever os nomes das crianças. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. (Orgs.). **A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de quatro a cinco anos**: mediações pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, p. 63-85, 2021

BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F. Propostas curriculares para a Educação Infantil: orientações para a alfabetização e o letramento das crianças. In: NOGUEIRA, A. L. H. (Org.). **Ler e escrever na infância**: imaginação, linguagem e práticas culturais. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2013. p. 137-159.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. "O aprendizado do sistema de escrita alfabética no contexto da Educação Infantil". In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito; CRUZ, Magna do Carmo Silva (Orgs.). **Educação Infantil:** infâncias e práticas pedagógicas. Curitiba: CRV, 2015.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MICHELLE PEREIRA GIRÃO, Fernanda; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A leitura e a escrita do nome próprio: uma análise de situações vivenciadas na educação infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, p. 1–21, 2023. DOI: 10.47249/rba2023729. Disponível em: https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/729. Acesso em: 2 nov. 2026.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ISSN: 2358-8829

MORAIS, A.G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizado por Michael Cole *et al.* Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.